

Transgêneros e Transsexualidade no Texto Sincrético: Uma análise do Filme Uma Mulher Fantástica¹

Igor MORANDI²
Gabrieli WAGNER³
Laísa BISOL⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o modo como a mulher transsexual é identificada e representada no filme chileno *Uma Mulher Fantástica*. A discussão inicia com a contextualização a respeito dos termos que estão a volta dessa minoria: gênero, sexo, sexualidade, transgênero, cisgênero, transsexualidade e travesti, com o intuito de esclarecer estas questões. Após isso, serão aprofundados os temas Transsexualidade, Marginalização, Resistência e Transfobia. A pesquisa será desenvolvida a partir de revisão bibliográfica e, posteriormente, análise descritiva tendo como base o filme. Os principais resultados remetem a um longa que busca o rompimento de estereótipos, representando reflexões acerca dos processos de preconceito discriminação social.

PALAVRAS-CHAVE: filme; latino; transsexualidade; marginalização.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Os estudos acerca das minorias são de grande importância ao admitir que, através da pesquisa, é possível atribuir voz aos histórico ou socialmente excluídos pelas relações de poder. Investigar, então, uma grande forma de difusão de conteúdo, como é o caso do cinema, propicia ainda novos questionamentos a respeito da temática, o que contribui para o debate e criticidade social.

Entende-se, por minorias, as pessoas ou grupos em situação de marginalização pela sociedade, não estando necessariamente em uma posição numérica inferior aos demais, conforme o termo poderia sugerir. As minorias referem-se, por exemplo, a “todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valorização negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas

¹ Trabalho apresentado na DT – 4 Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-FW, e-mail: igormorandii@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-FW, e-mail: gabrieliwagner14@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Doutoranda pela UFSM, e-mail: laisabisol1@gamil.com

relações de produção, condição física ou outro critério” (DALCASTAGNÉ, 2008, p.78).

Desta maneira, o intuito deste artigo é verificar de que maneira uma parcela destas minorias é representada no cinema e, assim, é eleito como objeto de estudo o filme chileno vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 2018, *Uma Mulher Fantástica*, produzido por Sebastián Lelio.

A pesquisa será desenvolvida através das seguintes etapas: contextualização social, revisão bibliográfica e análise do corpus. Para essa última, o ponto de partida está no processo de fragmentar o filme para posteriormente compreendê-lo, como sugerem Francis Vanoye e Anne Galiot-Lété (1994), ou seja, ao assistir o longa, são buscados aspectos que estão além do que se poderia observar somente em uma leitura simplificada, já, ao desconstruí-lo, é possível identificar os significados oriundos desta produção. Assim, esta observação crítica se realiza a partir do método de estudos descritivos, que segundo Cervo e Bervian (1983), promovem o entendimento sobre as relações, características e outros aspectos peculiares existentes na realidade estudada.

Assim, apresenta-se, de início, o significado dos termos transsexual, transgênero, cisgênero e travesti. Além disso, a diferença entre sexo, sexualidade e gênero. Mesmo com todo o acesso à informações que a internet proporciona, uma expressiva parcela da sociedade ainda não está ciente da significação desses termos e da sua importância na conjuntura atual.

A partir dos conceitos de André Muszkopf (2008) entende-se que, o sexo é o aparelho genital que diferencia o macho da fêmea. A sexualidade é a orientação sexual - a quem você se atrai, ou seja, a heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade. E o gênero é uma construção social que divide a sociedade em masculino ou feminino, o autor ainda trata do travestismo, já que muitas travestis se veem como um terceiro gênero. (MUSSKOPF, 2008).

Referente ao transgênero, são todos os indivíduos cujo gênero de nascença não corresponde ao seu sexo biológico. Já o cisgênero é quem está com mente e corpo adequados ao de nascença, ou seja, é o oposto de transgênero. À respeito da transsexualidade, a Classificação de Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10), publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), ainda a descreve como patologia: “Transexualismo, transtorno de identidade sexual” (OMS, 1989). Ainda conforme o texto oficial:

Trata-se de um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto. Este desejo se acompanha em geral de um sentimento de mal estar ou de inadaptação por referência a seu próprio sexo anatômico e do desejo de submeter-se a uma intervenção cirúrgica ou a um tratamento hormonal a fim de tornar seu corpo tão conforme quanto possível ao sexo desejado. (OMS, 1989).

O transsexualismo, da mesma forma que homossexualismo, termos que remetem à doenças, não são levados em conta nem tolerados por LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Transsexuais/Travestis). Quanto à isso, em 2016 cientistas mexicanos publicaram na revista *The Lancet Psychiatry* refutando o diagnóstico de doença fornecido pela OMS, tendo em vista que este é de 1989 (O GLOBO, 2016). Os pesquisadores apresentaram a proposta de exclusão da transsexualidade como patologia na CID-11 (Classificação Internacional de Doenças) que aconteceu em fevereiro de 2018. A OMS divulgou que vai retirar na próxima atualização, classificando a transsexualidade como incongruência de gênero (EBC, 2018). Essa atualização é necessária, em vista que o termo com *ismo* é de 1966, como Rafael Galli et al (2013) relata:

Transexualismo foi o primeiro termo utilizado para designar essa condição (Benjamin, 1966). Surgido no campo da medicina, foi utilizado para designar um novo transtorno mental, o que acabou colocando o(a) transexual na condição de doente – o que é reforçado pelo uso do sufixo *ismo* (GALLI et al, 2013, p. 447).

O conceito de travesti causa divergências até dentro do movimento LGBT. As travestis, são diferentes das transsexuais, não sentem desconforto com sua genitália e não veem a necessidade de fazer a cirurgia de redesignação sexual, se expressam através da maquiagem, roupas, cabelo. Porém, algumas travestis se veem como um terceiro gênero, como citado acima “travestismo”, diferente do (a) transexual que se identifica com o feminino ou com o masculino. (JAYME, 2001, p. 2).

Uma vez explicados os termos básicos para a compreensão do tema, serão demonstradas, a seguir, as contextualizações referentes a gênero e transsexualidade.

1.2 TRANSSEXUALIDADE

A transsexualidade é uma questão da vida e de identidade, que desde os primórdios da história é identificada. Não pode ser considerada uma doença mental,

perversão ou doença contagiante. Não é uma escolha e, geralmente, as pessoas transsexuais se reconhecem nessa condição desde a infância. Não há nenhuma explicação científica para essa identificação com o gênero oposto. A transsexualidade é uma identidade de gênero, como um ser cissexual (ou cisgênero), e que segundo Jaqueline Jesus (p. 15, 2012) a “mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher” e “homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem”. Ainda conforme o autora:

Cada pessoa transexual age de acordo com o que reconhece como próprio de seu gênero: mulheres transsexuais adotam nome, aparência e comportamentos femininos, querem e precisam ser tratadas como quaisquer outras mulheres. Homens transsexuais adotam nome, aparência e comportamentos masculinos, querem e precisam ser tratados como quaisquer outros homens. Pessoas transsexuais geralmente sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam e se sentem, e querem “corrigir” isso adequando seu corpo à imagem de gênero que têm de si. Isso pode se dar de várias formas, desde uso de roupas, passando por tratamentos hormonais e até procedimentos cirúrgicos. (JESUS, 2012, p. 15)

De qualquer forma, não existe uma padronização na transsexualidade, é mais sobre como o/a trans se sente e como quer se sentir. Cirurgias, vestimentas, comportamentos cabe à cada um decidir, mas deve-se refletir sobre a imposição que muitas vezes é efetivada pela sociedade. De época em época, novas noções de gênero e suas identidades surgem e isto é imposto ao ser masculino e ao ser feminino de diferentes maneiras. Butler (2014) chama de repetição estilizada de atos essa incorporação global acerca de um padrão.

O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substância da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma temporalidade social constituída. (BUTLER, 2014, p. 200).

Ou seja, o gênero e suas características se transformam recorrentemente e a sociedade se adapta à elas, ou melhor, segue-as. Mas hoje, principalmente pelo movimento LGBT essa padronização que separa tudo binariamente, está sendo desconstruída. E isto não colabora com a tolerância LGBT, mas quebra barreiras impostas pelo machismo.

Além disso é importante destacar que essa transformação do corpo não se baseia apenas no físico, mas também na mente, já que não podemos separá-los. A ideia é que os corpos e mentes são fluídos, já que nem todos nascem cisgêneros e heterossexuais. Porém, é importante destacar que no início da pesquisa sobre transsexualidade, ela era vista como dependente da redesignação sexual conforme aponta Harry Benjamin (1966), o mesmo criador do termo “transsexualismo”.

Inclusive, a cirurgia de redesignação sempre esteve à frente do entendimento da transsexualidade, por conta das hermafroditas, mas, a primeira cirurgia em uma transsexual foi feita em 1921 por Feliz Abraham. No princípio a sensibilidade do genital era totalmente comprometida, pois era construído com partes do intestino, coxas e nádegas do paciente (Galli et al, 2013). A cirurgia como é conhecida hoje, com sensibilidade e reconstruída a partir do genital de nascença, só se efetivou em 1956 por Fogh-Anderson. (Galli et al, 2013).

No Brasil, a transgenitalização só foi permitida em 1997 pelo Conselho Federal de Medicina pela alegação do caráter terapêutico que carrega. Mas, até o processo de redesignação, o paciente precisa de uma avaliação e acompanhamento psiquiátrico, de uma psicoterapia individual e de grupo, hormonioterapia e avaliação genética. (Arán et al, 2008).

Segundo Jesus, é extremamente importante que essas pessoas vivam integralmente sua vida transexual. É necessário que elas sejam aceitas socialmente, por exemplo, em sua profissão ou em relação ao seu nome social, pois isso ajuda na consolidação da identidade. E “o que determina a identidade de gênero transexual é a forma como as pessoas se identificam, e não um procedimento cirúrgico. Em decorrência disso, muitas pessoas que hoje se reconhecem ou são taxadas como travestis seriam, em teoria, transexuais”. Não existem diferenças entre transexuais ou travestis, pois, como visto, uma cirurgia não as define. O único problema é que a classe travesti é marginalizada, é a trans pobre que quer e não pode fazer procedimentos estéticos ou cirúrgicos e muitas vezes recorre à tratamentos ilegais, que colocam sua vida em risco, ou até terminam com ela.

1.2.1 MARGINALIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS CIRÚRGICO-ESTÉTICOS

A questão da aplicação do silicone industrial é, com certeza, o maior problema que as travestis enfrentam. Mas vai além do se sentir bem, a questão da empregabilidade faz com que elas exijam de si certos requisitos como afinar o nariz, bronzear o corpo e se vestir de acordo com o padrão feminino. Pelúcio (2005) relata a vida de algumas travestis e sua obsessão por corpos perfeitos:

“Ser travesti” é um processo, nunca se encerra. Construir um corpo e cuidar deste é uma das maiores preocupações das travestis. Estão sempre buscando o que elas chamam de “perfeição”, o que significa “passar por mulher”. Não por qualquer mulher, mas por uma bonita e desejável. Isto é: geralmente, a branca burguesa.” (PELÚCIO, 2005, p. 98).

Logo, muitas vezes, alcançar o corpo “perfeito” é mais importante que a questão da saúde. Obviamente as travestis cuidam na hora de realizar os procedimentos, mas da forma como conhecem, não são profissionais e o silicone industrial, por exemplo, mais conhecido como hidrogel, é um óleo que lubrifica máquinas, as chances de complicar a saúde delas são enormes. Sabino (2004) relata a utilização de drogas pelos fisiculturistas, o que também cabe ao assunto em questão. As travestis, da mesma forma que os fisiculturistas, têm noção do mal que essas drogas podem fazer/fazem à sua saúde, mas “a dor e o sacrifício aparecem como um preço a ser inevitavelmente pago pela conquista de uma vitória presumível na construção de uma identidade inerente à aceitação em um grupo restrito.” (SABINO, 2004, p. 169),

Ou seja, dentro da classe das travestis, para ser aceita como mulher e se ver como uma, elas preferem se prestar à tratamentos ilegais, já que tratamentos particulares e legais são caros e os público deixam a desejar pela demora e difícil acesso.

1.2.3 TRANSFOBIA E RESISTÊNCIA

A sociedade vive em uma cultura de preconceito, não é de hoje que percebe-se o quanto pessoas que fogem dos estereótipos pensados como normais, são rechaçadas e denegridas. Com as pessoas transexuais isso não é diferente, eles fogem do padrão normatizado pela sociedade e por isso muitas vezes sofrem agressões físicas, emocionais ou verbais. A transfobia é o termo usado para descrever preconceitos e discriminações que as pessoas transgênero sofrem, e que muitas vezes leva à brutalidade e crimes de ódio. (JESUS, 2012)

A América do Sul e a América Central juntas somam o maior número de mortes entre travestis e transsexuais no mundo inteiro, segundo o levantamento da ONG Internacional Transgender Europe (TGEU) que obteve os dados desde 2008 até setembro de 2017. Foram registradas 2609 mortes, sendo que a América do Sul e a América Central lideram o ranking com 2048 mortes. Vale ressaltar que esse estudo também contém dados de cada país, o Chile com 17 milhões de habitantes teve 10 mortes registradas nesse período, já o Brasil com 207 milhões teve 1071 óbitos. (TGEU, 2017).

Contra isso surgem movimentos, o mais icônico e lembrado até hoje, que não se resume à luta trans, mas à classe LGBT toda é a Revolta de Stonewall que aconteceu em 1969, em Nova York. Este fato foi marcante para o movimento todo, foi a primeira vez em que *gays* se rebelaram contra a violência que sofriam e, a partir disso, um ano depois, surgiu a primeira Parada LGBT, lapidando a resistência para sempre.

No Brasil o movimento homossexual surgiu no final dos anos 70, foi um prenúncio das mobilizações subsequentes e já continha algumas das principais demandas do movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais (LGBT) dos dias atuais. Na década de 90, com a epidemia de HIV/aids foram criados diversos grupos, organizações e associações que possibilitaram mais visibilidade. A Conferência Nacional LGBT também possibilitou maior atenção para esses assuntos tanto da massa como do poder legislativo. (FACCHINI, 2009, p.9).

Sobre a luta brasileira por direitos das trans, esta é organizada basicamente entre as mesmas, ou seja, muitas travestis, por exemplo, sempre estão juntas, e respondem aos ataques igualmente. Além disso, existem ONGs que divulgam dados sobre as/os transgêneros brasileiros, e as apoiam em questões de empregabilidade e quebram essa barreira da sociedade geral com a comunidade.

A partir do início do movimento, foram articuladas diversas entidades e eventos que buscam a socialização das trans, seus direitos e o fim do preconceito, como o Encontro Nacional de Travestis e Transexuais que Atuam na Prevenção da Aids (Entlaids); a Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros (ANTRA) e o Coletivo Nacional de Transexuais. Segundo Bruno Barbosa (2009), essas organizações priorizam as políticas públicas de identidade e possibilitam maior cobrança por políticas públicas específicas.

Ao longo dos anos a luta por direitos iguais e respeito vêm sendo travada, mas é um caminho longo e árduo, pois não é fácil mudar um pensamento enraizado na sociedade. Sobreira et al (2017) afirma que “o gênero trans vem lutando por meios legais e políticos para conquistar seu espaço na sociedade sem ser discriminado por sua verdadeira identidade”. É imprescindível que haja mudanças políticas, sociais e culturais que assegurem uma vida mais digna e saudável as pessoas transexuais. Atualmente há algumas instituições, ong’s e associações que se engajam nessa luta e reivindicam direitos.

2. A REPRESENTAÇÃO DA TRANSSEXUALIDADE EM UMA MULHER FANTÁSTICA

O filme chileno *Uma mulher fantástica* foi produzido por Sebastián Lelio e lançado em 2017. Em 2018 ganhou o Oscar na categoria de melhor filme estrangeiro. Foi o primeiro filme com uma personagem protagonista e transsexual a vencer o Oscar, levando em conta que são poucas as produções voltadas aos LGBTs e poucas que chegam a ser premiadas (OSCAR, 2018).

Os personagens principais são Marina - a protagonista (Daniela Vega) e Orlando - seu namorado (Francisco Reyes Morandé). O interessante deste longa, é que a atriz que faz a personagem realmente é transsexual, o que atribui uma realidade maior à trama, já que é muito comum que pessoas cisgênero interpretem esse papel, da mesma forma que heterossexuais interpretam personagens gays, o que está presente não só em filmes, mas na publicidade, clipes e outros meios também. Como é o caso que repercutiu e divergiu opiniões em 2016, em que o ator Cauã Reymond se transvestiu para um clipe musical. (FIGURA 1)



Figura 1 - Captura de tela do clipe Your Armies.⁵

De forma geral, pode-se perceber que a personagem é retratada como uma pessoa comum, com um emprego e relacionamento estável. O filme surpreende por tratar deste assunto de maneira não convencional, pois o recorrente é que minorias sejam apresentadas em situações de vulnerabilidade, como na prostituição. Ornat (2008) discorre sobre o equívoco ao associar a palavra prostituição à transsexual, pois não é a realidade de todas, mas é o trabalho da massa e este é um problema social. “Como a maioria delas é excluída da possibilidade de viver em sociedade, estudar e trabalhar em outros setores, acabam tendo como única alternativa de sobrevivência econômica a prostituição” (ORNAT, 2008, p. 45).

A primeira cena em que Marina aparece, está cantando em um bar quando a personagem já antes vista, Orlando, depois de ter um dia de trabalho, surge. Os dois trocam olhares penetrantes. (Uma Mulher Fantástica, 2017, 5’58’’ - 7’24’’). Porém, até então não se sabe da relação de ambos, mas a sociedade impõe que a classe trans toda é profissional do sexo, logo, existe um pré-julgamento sobre a situação deles. O autor consegue surpreender neste quesito fugindo do clichê, ao mesmo tempo em que coloca o telespectador em um estado desconfortável pelo pré-conceito de que Marina é uma prostituta ou existe apenas um interesse carnal ali. “Está cristalizado na sociedade um estereótipo que as pessoas transsexuais vão ser inseridas necessariamente em uma vida de violência, doenças, degradação e prostituição”. (AMARAL, 2013, p. 2). Esse pensamento está muito presente, pois, infelizmente, é a realidade da maioria das pessoas transsexuais. Que estão nessa posição, muitas vezes, por não ter apoio da família, da sociedade em geral e das políticas públicas.

A partir disso pode-se refletir que por muito tempo os LGBTs foram vistos como delinquentes ou foras da lei, e ainda hoje são muito questionados e mal interpretados. Quando Orlando morreu, suspeitas foram levantadas à Marina como se ela fosse uma criminosa. Na entrada do Hospital ela foi mal atendida, o médico a tratou com desrespeito, não a informou sobre o estado de Orlando e desdenhou sua preocupação por se tratar de uma trans, ignorando seus sentimentos e aflição. E subsequente a isso, Marina passou por inúmeras situações desagradáveis: o desconforto sofrido pela abordagem policial, ainda no hospital, em que teve de se identificar com o nome masculino; a situação de se afastar para que não soubessem da sua relação com

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rVx5Ex-LgWo>

Orlando; a abordagem da família no dia seguinte pedindo os pertences de Orlando, inclusive o carro e o apartamento que também eram usados por Marina. Além de tudo isso, ela não pôde se despedir de Orlando, não pôde ir ao velório nem ao enterro porque seria um desrespeito aos familiares, principalmente aos filhos dele, o que soa cômico senão trágico.

O luto assemelha-se a uma ferida física mais do que qualquer outra doença. A perda pode ser referida como “um choque”. Assim como no caso do machucado físico, o ferimento aos poucos se cura. Quando o luto é grave, os enlutados podem ficar incapacitados por semanas e os parentes se preocupam com eles [...]. (PARKES, 1998, p.22).

Porém o luto de Marina não foi respeitado, ela não recebeu apoio algum e seus sentimentos não foram levados em conta em nenhum momento. À respeito disso, Parkes (1998) diz que o luto pode ser considerado uma doença, mas também pode trazer força, e foi isso que aconteceu com Marina, ela se tornou uma mulher muito forte. A sua vida era comum até então, mas pela reviravolta ela teve que enfrentar situações diferentes e difíceis. Foi então que a transfobia passou a ser retratada no longa.

Marina foi investigada e interrogada, além disso teve que fazer um exame de corpo delito sob ameaças de que ao contrário lidaria com a Justiça. Nesse momento do exame Marina precisa ficar nua e seu desconforto é nítido pela situação em que estava, como uma suspeita de matar o homem que amava. Vale ressaltar que a agente e o médico claramente estavam curiosos quanto a como é o corpo de Marina, colocando-a em um papel de um mero objeto.

Isso dá base para outro aspecto relevante, a necessidade de afirmação padrão dos órgãos sexuais dos (as) transsexuais. Um genital pode não corresponder à aparência do sujeito, como acontece com muitos (as) trans, porém alguns não desejam fazer a cirurgia de redesignação, por vê-lo como apenas um acessório. Segundo Jayme (2013), um órgão não pode ser a única coisa que identifique uma pessoa, pois há muitos aspectos envolvidos que podem caracterizá-los como trans, por exemplo, a experiência, a vivência cotidiana e a formação da identidade.

A sociedade não aceita essa comunidade e ainda busca padronizá-la para, talvez, passarem despercebidos, evitando esse contato entre a população no geral e as minorias trans. Geralmente é através do corpo e imagem que se distingue o homem da mulher, os/as transsexuais desestabilizam esse padrão, pois sua aparência pode, muitas vezes,

não estar adequada estritamente a um gênero só. (JAYME, 2013, p. 15). É exatamente o que acontece com Marina no filme, ela carrega características vistas como femininas como cabelo comprido, roupas e maquiagem, mas não tem prótese mamária.

Em nenhum momento do filme a personagem aparece completamente nua, é um mistério que, mesmo dando a ideia de que será revelado, não é. A compreensão a ser feita é que não se resume uma mulher à estereótipos físicos, já que pode excluir muitas trans. E não é isso que o autor busca, conforme o que já foi relatado, o que está em questão é a afirmação da mulher transsexual como, simplesmente, uma mulher e que seus aspectos corporais não influenciam nisso.

Uma cena muito representativa é quando Marina está na cama e tem um espelho entre as pernas, reforçando que o que importa não é o que ela tem, mas o que ela é. Não pode ser identificada como transsexual apenas pelo seu órgão sexual, é uma construção que leva em conta muitos aspectos, que formam a sua identidade. Ao longo do filme ela vai se afirmando como pessoa e como mulher, procurando se impor para ter voz e vez. Fica claro que, após a morte do seu amado, ela teve que mostrar a sua força antes contida.

Após essa reviravolta em sua vida, a transfobia fica evidente no filme e, um momento representativo desse novo capítulo, é o único momento fantasioso que aparece no longa. Marina está tentando andar contra o vento, mas não consegue sair do mesmo lugar, o que, pode ser interpretado, como todos os conflitos no qual estava passando, externos e internos. (Uma Mulher Fantástica, 2017, 1'00'57'' - 1'01'44''). Ou seja, os ataques vindos da família de Orlando, o seu luto, a falta de expressar seus sentimentos com alguém, a perda dos bens materiais (do Orlando), mas que à mantinham em um porto seguro. É como se tudo tivesse sido tirado dela em um mesmo momento, acarretando diversos sentimentos.

Ainda há um caminho gigantesco para a aceitação e respeito dos(as) transsexuais, é uma luta diária e singular. Muitas vezes eles precisam se impor para conseguir o que almejam, o que não seria necessário se fossem tratados(as) com igualdade. É no momento que Marina extrapola, briga e ameaça agredir que os pedidos dela são atendidos, ela sempre se manteve calma e procurou resolver tudo pacificamente, mas ninguém deu atenção a suas necessidades. Essas pessoas vivem em um mundo de violência e medo, mas muitas vezes só conseguem o que querem com a agressividade, é essa mentalidade que deve ser repensada e reconstruída.

Como visto no tópico Transsexualidade, a questão do nome social é retratada no filme por ainda ser uma barreira que necessita ser quebrada em muitos países. O Chile é um dos países que ainda não deu este direito às pessoas transsexuais, mesmo que uma proposta já tenha sido apresentada em 2013. Vega, utilizou-se da influência e visibilidade após o Oscar para reivindicar esse direito, mas até então nada mudou. (HUFFPOST, 2018). Marina vivencia isso no filme.

No longa, a violência mais explícita é a emocional, como já foi observado no exemplo da consulta ao médico, anteriormente, mas em determinado instante a agressão física se torna presente. É no momento em que Marina é raptada pelo filho do falecido namorado e ele, junto de seus comparsas, passam fita adesiva na cabeça dela, o que pode ser visto como uma repressão, como se ela fosse inferior à eles e não pudesse ter voz. (Uma Mulher Fantástica, 2017, 1'07'48'' - 1'10'42'').

Depois dessa intervenção eles a jogam em um beco, e é nesse momento que um filme clichê acaba, pois, como já visto, o número de pessoas trans que são espancadas e mortas é assustador, ainda mais, levando em conta que a trama se passa no Chile, presente na América Latina que é o continente que mais mata travestis e transsexuais no mundo. O fato de isso não ocorrer surpreende, tanto pela violência não ter se consumado, como pela familiaridade com os homicídios que está enraizada na sociedade.

É muito comum que essas minorias sejam retratadas no cinema com maior grau de violência e finais trágicos, ou no mínimo agressivos. Então, quando aparece uma produção tão diferente desses pressupostos a sociedade se questiona do porquê de tanta negatividade nos relatos habituais, e talvez não só estejamos acostumados, mas também reforçando um estereótipo de violência. As pessoas têm a tendência de seguir padrões que lhes são apresentados, mesmo que estes, muitas vezes, não sejam o melhor exemplo a seguir. Quando se é exposto a uma enxurrada de informação parcial, ficamos presos em certos pré-conceitos e preconceitos.

O filme busca a desestereotipização da imagem do ser feminino, há muitas formas de ser mulher e cada uma tem sua singularidade. O produtor tem um cuidado com o comportamento dessa mulher transsexual e de como ela deve ser representada e vista pelos espectadores. Começa de forma mais suave e gradativamente vai mostrando os conflitos e problemas que tem que enfrentar no seu dia a dia, retratando como a transfobia pode afetar a vida dela e como ela consegue lidar com isso.

A sociedade como maioria ainda prega a heteronormatividade, que não tolera o diferente e persegue aqueles que não compartilham ideais iguais aos seus. Aos poucos isso vem se modificando, porém, é um caminho longo e cheio de imprevistos. Se identificar como homossexual, transsexual, travesti ou transgênero é viver em constante luta, buscando formas de combater o preconceito e a discriminação. O filme busca mostrar que mesmo que essas pessoas que conseguiram uma vida aparentemente normal, ainda têm muitos desafios. A intolerância e o desrespeito se escondem, mas é nos pequenos detalhes que se revelam, e a partir disso que a agressão explícita se mostra.

Atualmente existem muitos movimentos e associações que proporcionam a essas minorias assistência. Esse conjunto de pessoas é um elo mais forte e com maior capacidade de transformação, que busca mais direitos e igualdade perante a sociedade.

REFERÊNCIAS

AGENCE FRANCE-PRESSE. Estudo prova que transsexualidade não é transtorno psiquiátrico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 jun. 2016. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/sociedade/estudo-prova-que-transsexualidade-nao-transtorno-psiquiatico-19805459>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

BARBOSA, Bruno Cesar. *Entre Nômades: Gênero, sexualidade e idade e o uso de convenções entre travestis*. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-33-encontro/gt-28/gt36-4/2168-brunobarbosa-entre-nomades/file>>. Acesso em 15 de abril de 2018.

BRITO, D. Atualização da Classificação de Doenças terá transtornos por jogos eletrônicos. *EBC Agência Brasil*, Brasília, 03 jan. 2018. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-01/atualizacao-da-classificacao-de-doencas-tera-transtornos-por-jogos-eletronicos>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Imagem Virtual, 2003. Disponível em:

<<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2017/04/butler-problemasdegenero-ocr.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A. *Metodologia científica*. 3. ed. São Paulo, Editora McGraw-Hill do Brasil, 1983.

COLLING, L. Stonewall. 40 + o que no Brasil?. Disponível

em:<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/2260/3/Stonewall%2040_cult9_RI.pdf#page=23>. Acesso em: 15 abr. 2018

CLASSIFICAÇÃO ESTATÍSTICA DE DOENÇAS E PROBLEMAS RELACIONADOS COM A SAÚDE. Suíça: Organização Mundial da Saúde (OMS), ed. 10, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: _____. (Org.). **Ver e imaginar o outro**: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Editora Horizonte, 2008. p. 78-107.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2012.

SOBREIRA, Bruna Medeiros et al. *Transfobia em pauta: a difícil realidade do gênero*. Múltiplos Acessos, v. 2, n. 2, 2017.

DO AMARAL, Thiago Clemente. *Travestis, transexuais e mercado de trabalho: Muito além da prostituição*. 2013.

DONELLY, J. Oscar Winners 2018: See the full list. *The Oscars*, Estados Unidos, 03 mar. 2018. Disponível em: <<http://oscar.go.com/news/2018/oscar-winners-2018-see-the-full-list>>. Acesso em 13 abr. 2018.

FACCHINI, Regina. *Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro*. Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 3, n. 04, 2012.

GALLI, R; et al. *Corpos Mutantes, Mulheres Intrigantes: Transexualidade e Cirurgia de Redesignação Sexual*. v. 29, n. 4. São Paulo: Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2013. p. 447-457.

JAYME, Juliana Gonzaga et al. *Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa*. 2001.

MARTINELLI, A. Como Daniela Vega pressionou o governo chileno para ampliar direitos de pessoas transexuais. *Huffpost*, Brasil, 12 mar. 2018. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/03/09/como-daniela-vega-pressionou-o-governo-chileno-para-ampliar-direitos-de-pessoas-transexuais_a_23381955/>. Acesso em 13 abr. 2018.

MUSSKOPF, A. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, abr. 2008. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=161&cod_boletim=9&tipo=Artigo>. Acesso em: 13 abr. 2018.

PELÚCIO, Larissa. *"Toda Quebrada na Plástica": Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas*. Campos - Revista de Antropologia, [S.l.], v. 6, dez. 2005. ISSN 2317-6830. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/campos/article/view/4509/3527>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

SABINO, C. *O Peso da Forma: Cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas*. 2004. 342 f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/divu/colab/d20-csabino.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

TRANSRESPECT VERSUS TRANSPHOBIA. Suécia: Transgender Europe (TGEU), ed. 1, 2008-2017. Disponível em: <https://transrespect.org/wp-content/uploads/2017/11/TvT_TMM_TDoR2017_Tables_EN.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.

VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica*. São Paulo: Papyrus, 1994.